

O FENÔMENO DA REPETIÇÃO EM UMA ENTREVISTA ORAL TELEVISIVA DA ESFERA JORNALÍSTICA

Daniela Carla Silva Costa¹

Especialista em Linguagem e Práticas Sociais (IFAL/Arapiraca)
Docente da rede municipal de educação (São Sebastião/Alagoas)

Max Silva da Rocha²

Doutorando em Linguística, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI/PPGEL)
Professor colaborador da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL/Palmeira dos Índios)

Sandra Araújo Lima Cavalcante³

Professora do Instituto Federal de Alagoas (IFAL/Arapiraca)
Doutoranda em Linguística, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL/PPGLL)

RESUMO

Este estudo, inserido na Análise da Conversação, versa sobre o fenômeno da repetição e como ele atua no texto conversacional, mais especificamente, na tessitura do gênero entrevista oral televisiva. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise sobre o modo como a repetição contribui com a textualidade no citado gênero e como ela se apresenta durante as trocas comunicativas entre entrevistador e entrevistado. A partir das análises qualitativas, percebemos que a repetição foi uma categoria decisiva para a continuidade da conversação por meio do gênero entrevista. Por meio dessa categoria, os interlocutores conversaram e suscitaram diferentes efeitos de sentido, os quais reverberaram nuances que se estabelecem no campo da polêmica. Provavelmente, sem o uso da repetição, essas trocas comunicativas não teriam os mesmos efeitos, razão por que assumimos a importância desse dispositivo textual e discursivo para o texto conversacional, neste caso, para a entrevista oral televisiva da esfera jornalística.

Palavras-chave: Entrevista. Oralidade. Repetição.

Considerações iniciais

Este estudo versa sobre o fenômeno da repetição e como ele atua no texto conversacional, mais especificamente, na tessitura do gênero entrevista oral televisiva da esfera jornalística. Trata-se de um trabalho empírico que se insere na teoria da Análise da Conversação, que é uma área dos estudos linguísticos modernos, a qual se debruça sobre as nuances da oralidade. Entre as muitas categorias existentes dos estudos conversacionais, destacamos, nesta investigação, o fenômeno da repetição, por ele ser um dispositivo

¹ Endereço eletrônico: danielacarla2013@outlook.com

² Endereço eletrônico: msrletras@gmail.com

³ Endereço eletrônico: sandra_araujolima@yahoo.com.br

imprescindível à oralidade, por ser considerado um dos principais responsáveis por formular a progressão textual e por contribuir no processo argumentativo.

Partindo desse entendimento, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise sobre o modo como a repetição contribui com a textualidade no gênero entrevista oral televisiva da esfera jornalística e como ela se apresenta durante as trocas comunicativas entre entrevistador e entrevistado. Por entrevista, entendemos um gênero de texto no qual um sujeito que apresenta conhecimento sobre determinado assunto é convidado para falar sobre ele. Não se trata de uma conversa comum, mas algo organizado formalmente em que o principal objetivo é adquirir informações sobre o tópico discursivo que está sendo abordado.

O interesse em estudar a entrevista oral televisiva acontece porque se trata de um gênero textual importante para a sociedade. Por meio dele, os interactantes conseguem, de maneira dinâmica, negociada e interacional, construir pontos de vista que, de alguma maneira, influenciam as tomadas de decisões do público-alvo. A entrevista oral televisiva enquanto gênero textual tem o poder de, interacionalmente, guiar as opiniões e persuadir seus ouvintes para crerem e agirem de acordo com comandos estabelecidos durante as trocas comunicativas entre entrevistador e entrevistado.

Este trabalho procurou responder ao seguinte questionamento: de que maneira a categoria da repetição contribui com a progressão textual e favorece a argumentação no gênero entrevista oral televisiva? A resposta a essa pergunta é o grande desafio para a realização dessa investigação. Almejamos compreender como a repetição atua de maneira colaborativa no gênero destacado, uma vez que pesquisar a oralidade é uma tarefa que requer um olhar atento aos detalhes presentes nas interações, o que justifica o interesse pela área de estudos da Análise da Conversação, atentando-se para amplitude de possibilidades investigativas que a oralidade proporciona e dada a importância que seu estudo traz para a sociedade.

Metodologicamente, seguimos a pesquisa de abordagem qualitativa, com ênfase na descrição e interpretação das informações adquiridas durante o processo investigativo (ANDRÉ, 2005). Tivemos como *corpus* uma entrevista oral realizada durante o Jornal Nacional da Rede Globo no ano de 2018. O referido jornal televisivo promoveu uma série de entrevistas com candidatos presidenciais, entre eles, estava Ciro Gomes. De posse do vídeo, procedemos à transcrição do material e selecionamos trechos para as análises. É importante acrescentar que o *corpus* foi adquirido por meio da plataforma virtual do *GloboPlay*⁴. Alguns conteúdos dessa plataforma, assim como este, são de acesso livre e público e qualquer pessoa pode consultar o

⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6977229/>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

material na íntegra. Não analisamos toda a entrevista, mas apenas três fragmentos retirados do início, do meio e do fim da entrevista em tela.

Além das considerações iniciais e finais, este trabalho está dividido em quatro seções. A primeira apresenta as principais características que compõem a Análise da Conversação, bem como seu surgimento e seu principal objeto de estudo, ou seja, a oralidade. A segunda versa sobre o fenômeno da repetição, que é o objeto investigativo desta pesquisa. A terceira faz uma descrição e caracterização pormenorizada acerca do gênero entrevista oral televisiva, definindo e caracterizando sua principal função, público destinatário entre outras características. A quarta mostra as análises a partir de três momentos interativos retirados da entrevista oral selecionada.

A realização desta pesquisa visa contribuir não somente no tocante aos aspectos estruturais e/ou formais do próprio gênero entrevista oral televisiva, mas também ao seu aparato psicossocial, que é o responsável direto por influenciar o público-ouvinte.

Os estudos conversacionais

A conversação, objeto investigativo dos estudos conversacionais, constitui-se como uma atividade social, que é desempenhada por nós (seres humanos) desde que nascemos, pois estamos a todo momento usando a linguagem para nos comunicar de alguma forma, sendo utilizada, no nosso cotidiano, de maneira espontânea. Nas palavras de Marcuschi (1998, p. 5), um dos principais precursores dessa área no Brasil, a conversação é “a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano” e assumimos que ela é parte integrante das relações humanas e sociais, uma vez que as interações acontecem por meio da linguagem.

A Análise da Conversação (doravante AC), surgiu em meados da década de 1960, a partir dos Estudos Etnometodológicos e da Antropologia Cognitiva. Esses estudos pioneiros procuravam investigar “como nós conversamos?”, analisando, inicialmente, aspectos estruturantes das conversas e a organização existente no processo interativo, guiando-se, primeiramente, sobre questões particularidades da interação que poderiam ser definidas a partir de termos convencionais e institucionais, como explica Marcuschi (1998).

De acordo com Silva, Andrade e Ostermann (2009), foi o sociólogo Harvey Sacks quem enxergou as possibilidades analíticas deste evento tão rotineiro do cotidiano do ser humano: a conversação. A AC, desse modo, passou a se interessar por outras características linguísticas presentes na conversa, atentando para os conhecimentos linguísticos, bem como socioculturais e discursivos. À medida que os estudos foram evoluindo, procurou-se observar que a conversa

não é uma ação caótica e desorganizada, mas sim que “as pessoas se organizam socialmente através da fala” (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN 2009, p. 3).

Nesse sentido, ultrapassa-se a análise apenas estrutural da língua, passando aos procedimentos cooperativos existentes na conversação. Dito de outra maneira, observamos que a perspectiva da AC transcende a organização e situa-se na interpretação, sendo este o âmbito adotado para os estudos da fala em interação. “Em outras palavras, a AC se volta para a investigação de situações que ocorrem no dia-a-dia e da maneira como elas aconteceriam, mesmo se não houvesse pesquisa sendo realizada” (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009, p. 4). Em AC, as informações são consideradas dados naturalísticos, isto é, sem manipulação ou algum tipo de roteiro prévio.

A AC passou por diversos estudos e pesquisas e foi possível descobrir aspectos presentes nas conversas cotidianas, os quais devem ser cada vez mais investigados à luz de abordagens profícuas. Outrossim, uma questão importante que surge atualmente acerca da conversação encontra-se no questionamento de qual seria seu *status* tipológico, ou seja, se ela pode ser considerada um gênero textual ou um tipo de texto. É preciso observar que a conversação não é o mesmo que gênero oral, pois este engloba vários outros, com características diferentes da conversação, como é o caso das conferências, aulas expositivas, seminários etc., portanto, o termo “conversação” não pode ser considerado como sinônimo de “gênero oral” (TRAVAGLIA; NEGREIROS, 2019).

Como podemos observar, Travaglia e Negreiros (2019) apontam que a conversação não pode ser definida como um tipo de texto ou um gênero oral em específico, baseado em algumas evidências que a direcionam para a ideia de que é constituída por gêneros orais, mas que não é um em específico, pois ela é, na verdade, realizada por meio de variados gêneros (debate, notícia, sermão) e tipologias (argumentação, descrição, narração), entre outros gêneros e tipos específicos. Assim, com base nas postulações de Travaglia e Negreiros (2019), defendemos neste trabalho a ideia de que a conversação é uma atividade linguageira calcada em vários gêneros da oralidade, os quais se caracterizam de diferentes maneiras tipológicas.

No que diz respeito à coleta de dados, a AC não opera com dados previamente planejados, pois se assim o fosse, teríamos dados artificiais. A aquisição de informações se dá, portanto, de maneira natural, no momento exato em que a conversa está acontecendo, pois precisam ser dados espontâneos, como mencionamos. A principal forma de se obter dados naturalísticos é “gravar as conversas dos participantes em áudio e/ou em vídeo. Não queremos aqui afirmar que os dados gerados através do método forjado pela AC são ‘puros’ ou que não

sofreram nenhum tipo de influência durante sua coleta” (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009, p. 5). Às vezes, é preciso descartar as primeiras gravações, pois os informantes precisam, primeiramente, se acostumar com a presença dos microfones, câmeras ou gravadores. Só assim passarão a agir naturalmente, uma vez que estarão acostumados com esses equipamentos.

Conforme apresenta Marcuschi (1998), a AC atua baseada na reprodução de materiais de conversações reais e por esse fato considera aspectos minuciosos que são usados na organização da conversa. Esses aspectos não são apenas verbais, mas também entonacionais, gestuais, ruídos, entre outros. Nesse sentido, a transcrição deve ser fiel a esses detalhes para preservar os aspectos naturais do material em estudo, não existindo uma transcrição melhor do que outra, visto que a recomendação é que ela seja compreensível e possa ser investigada à luz dos estudos conversacionais. Mesmo assim, não se pode transcrever as informações orais de qualquer modo. Ao menos na AC existem procedimentos específicos, os quais podem ser adaptados às circunstâncias de pesquisa, como vemos em Marcuschi (1998).

Além disso, não se trata de apenas transcrever do oral para o escrito, visto que a transcrição em AC, de maneira mais específica, obedece a algumas convenções, pois como apontam Silva, Andrade e Ostermann (2009, p. 5), “ela obedece uma série de convenções que sinalizam os diferentes aspectos que permeiam uma determinada conversa (ou trecho de conversa) naquela hora e naquele local”. Dentre esses aspectos, podemos citar alguns: as pausas, hesitações, sobreposição de vozes, entonação, truncamentos, assalto ao turno, silêncio, falas coladas, entre outros. As marcações desses aspectos se caracterizam como algo muito importante ao processo descritivo e interpretativo do material em estudo, pois revelam de que maneira os interlocutores agem na interação.

É importante lembrar que o material transcrito dessas conversações serve como suporte ao analista, mas de maneira alguma poderá substituir o material gravado, pois ele se constitui como a fonte primária de qualquer estudo advindo da AC. Há, ainda, a abertura para a utilização de um mesmo *corpus* (como é chamado o material a ser analisado) para diferentes análises de aspectos pertinentes aos estudos conversacionais, o que possibilita que haja um compartilhamento do material com outros analistas, os quais podem ampliar ou até mesmo refutar outros trabalhos realizados como base no mesmo material analisado.

Um mesmo *corpus* em AC pode ser investigado à luz de diferentes perspectivas (repetição, turno, marcadores, interação, negociação etc.), haja vista a multiplicidade de abordagens conversacionais (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009). Passaremos a discutir acerca de algumas características organizacionais da conversação, com foco em

aspectos como: a troca de falantes, fala um por vez, respeito ao turno, negociação, interação, entre outros mecanismos imprescindíveis à efetivação da conversa.

Características organizacionais da conversação

Em relação à organização da conversação, é importante ratificar que ela é a forma de linguagem que utilizamos desde sempre e pode ser considerada a forma mais natural de linguagem dos sujeitos. Marcuschi (1998, p. 14) afirma que a conversação é “a primeira das formas de interação a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”. Ela está tão presente em nossa vida, assim como as outras atividades cotidianas, atuando, inclusive, como exercício de poder, já que, por meio da palavra falada, interpelamos os nossos pares acerca de proposições apresentadas à adesão.

Em Marcuschi (1998), encontramos algumas características básicas que constituem o processo conversacional, são elas: a) a interação entre pelo menos dois falantes; b) a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; c) a presença de uma sequência de ações coordenadas; d) a execução numa identidade temporal; e e) o envolvimento numa interação “centrada”. Com isso, é possível percebermos que a conversação é centrada e progride à medida que dois ou mais falantes focalizam as suas atenções, não só cognitivas, mas também visuais, no momento interativo da troca linguageira. Ainda segundo essa organização e interação face a face, Marcuschi (1998, p. 15) nos mostra que “a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação, como no caso das conversas telefônicas. Mas a interação centrada é condição necessária, pois o simples acompanhamento linguístico de ações físicas não caracteriza uma conversação”, é preciso o engajamento dos parceiros.

Outro aspecto imprescindível à sustentação da conversa interativa é que os participantes disponham de conhecimentos comuns para que ocorra a troca, na qual exige dos interlocutores habilidades mais complexas que o simples ato de dominar a linguagem enquanto falantes. Dionísio (2001, p. 72) indica que as contribuições dos participantes devem se relacionar com o que está sendo posto na conversa, pois “a conversação é uma atividade semântica”, de construção de sentidos que são negociados. Em vista disso, “para que haja entendimento entre os interlocutores, é preciso que eles sejam coerentes no que dizem e, principalmente, saibam sobre o que dizem (tópico discursivo)” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 34).

Outro fato importante dentro dessa organização é a regra básica “fala um de cada vez”, em que se tem a alternância de turno como uma unidade organizacional chave para a

conversação. Dito de outra forma, esse aspecto é responsável pela ordenação da interação, disciplinando os interlocutores e impedindo que todos falem de uma só vez. O turno é visto na AC como “aquilo que um falante faz ou diz, enquanto tem a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio” (MARCUSCHI, 1998, p. 18). O turno conversacional é uma categoria crucial, pois é ela que organiza as falas de cada participante no jogo linguageiro conversacional.

De acordo com Marcuschi (1998), alguns dados colaboram para que ocorra a tomada de turno por parte dos interlocutores. São princípios básicos que colocamos em prática nas conversações de maneira natural e que são usados em diversas línguas. Podemos citar alguns deles aqui: há a troca de falantes; a ordem dos turnos não é fixa, mas variável; a distribuição dos turnos não é fixa. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2003, p. 35, grifo dos autores), é possível caracterizar “a conversação como uma sucessão de turnos, entendendo-se por turno qualquer intervenção dos participantes (tanto as intervenções de caráter informativo, quanto breves sinais de monitoramento, como *ahn ahn*; sei; certo durante a interação”.

Organização de sequência na conversação

Nos turnos conversacionais aparecem uma organização composta por sequências em movimentos cooperados e coordenados. As perguntas (P) e respostas (R) são sequências conversacionais mais comuns e estão inseridas em uma unidade sequencial chamada *par adjacente*. Essa categoria “concorre para organizar localmente a conversação, controlando o encadeamento de ações e, inclusive, podendo constituir-se em elemento introdutor do tópico discursivo” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 49-50). Existem outros tipos de sequências pertencentes ao *par adjacente*, mas iremos nos atentar à sequência P-R.

As P podem ser interrogativas diretas ou indiretas; as R podem aparecer na forma interrogativa, como no exemplo: (L1) Já tomou banho? (L2) o que acha? (mostrando os cabelos molhados). Existem dois tipos de perguntas: P abertas (sobre algo) e P fechadas (com resposta sim/não). As perguntas fechadas supõem respostas diretas, mas nada impede que haja uma resposta mais bem explicada. Por outro lado, as perguntas abertas contêm marcadores conversacionais do tipo: quem? onde? quando? e espera-se que as respostas sejam pertinentes ao que se questiona por meio de um desses marcadores. A importância de se estudar a categoria do *par adjacente* (pergunta-resposta, convite-aceitação, ou recusa, pedido-concordância ou recusa, saudação-saudação) “deve-se ao fato de ser elemento básico da interação. Na verdade, é difícil encontrar uma conversação sem nenhum tipo de par, de tal modo que se pode indicar

ser o par dialógico uma das unidades para estudo do texto conversacional” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 49). Em nossas análises, essa categoria será considerada, já que a repetição se constrói por meio das perguntas e das respostas.

Os marcadores conversacionais operam como recursos organizacionais das unidades constitutivas (UC) dos turnos durante o texto conversacional. Para Marcuschi (1998, p. 61), “os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas”, ou seja, são traços específicos da fala, os quais são utilizados pelos interlocutores nas conversas como meio de organização. Desse modo, os marcadores conversacionais (MCs), podem ser subdivididos em três tipos específicos: verbais, não-verbais e suprasegmentais.

Os MCs podem aparecer em qualquer momento da interação, como no início, na troca de falantes, em momentos de falha na construção, na mudança de tópico etc.; além disso, funcionam como iniciadores ou finalizadores de um turno ou unidade comunicativa. Assim, os MCs podem, ainda, operar, se compararmos aos fatores gramaticais, como marcadores sintáticos, na medida em que as unidades comunicativas serão marcadas por pausas, entonações e elementos lexicais (MARCUSCHI, 1998). É possível assumir que os MCs propiciam a condução e manutenção do tópico discursivo, buscando instaurar a solidariedade conversacional entre os interlocutores. Isso ocorre porque os MCs propiciam dinamismo e continuidade ao processo interacional e porque são “elementos que definem as atividades linguísticas dominantes e secundárias, assegurando a unidade tópica e, no desenvolvimento, marcando os tipos de articulação” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 49).

Os MCs verbais são compostos por palavras, sintagmas ou expressões estereotipadas e não contribuem exatamente com novas informações para o tópico discursivo e algumas delas são: “*anhã*”, “*hum*”, “*anw*”, “*unhum*”, entre outros. Já os MCs não-verbais, também conhecidos como paralinguísticos, podem ser: maneios de cabeça, olhar, gesticulação, risos etc., possuem papéis importantíssimos na interação face a face, pois ajudam na comunicação. Por fim, os marcadores suprasegmentais, os quais apresentam natureza linguística; os principais são o tom de voz e as pausas, que podem ser curtas ou longas (MARCUSCHI, 1998).

Assim sendo, dentre as muitas categorias existentes no escopo da AC, atentar-nos-emos, com maior ênfase, à *repetição*, cuja função é imprescindível na conversação. Mesmo assim, afirmamos que, em certos momentos, outras categorias conversacionais serão evocadas em alguns gestos analíticos, a fim de compreender o texto oral destacado.

O fenômeno da repetição

A oralidade, sendo uma das principais modalidades da língua, possui organização e características próprias que a sustentam, como vimos anteriormente. Ao ser analisada, de maneira mais específica, deparamo-nos com o texto falado, entendido como o resultado oral de conversas e interações. “Assim sendo, o texto falado não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção e é à luz dela que deve ser descrito e avaliado” (KOCH, 2014, p. 81).

Segundo as postulações de Fiorin (2008), para se ter um texto falado são necessários alguns atributos básicos, os quais serão próprios na conversação e na interação entre os interlocutores, tais como: a) constituir-se em uma interação face a face; b) não ser algo planejado previamente; c) o texto precisa surgir no meio da interação e não há espaços para rascunhos, edições, visto que, planejamento e verbalização ocorrem de maneira simultânea.

Dentro desse processo de formulação/execução do texto falado, ocorrem interrupções, reformulações, correções, paráfrases e repetições, que são eventos pertinentes a esse modelo de texto, justamente pela espontaneidade com que acontece, que é concernente à natureza conversacional. Essa manifestação nos indica que, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 39), “sob a aparente desordem do oral espontâneo, escondem-se, de fato, regularidades que são de natureza diversa das que se observam na escrita, porque as condições de produção/recepção do discurso são elas mesmas de outra natureza”, mas que podem ser estudadas de modo eficaz.

Assim sendo, somos encaminhados para um dos principais aspectos de organização e reformulação do texto falado, o fenômeno da repetição. Devido ao seu caráter altamente maleável e flexível, ela atua como um instrumento de criação de segmentos mais compreensíveis, assumindo, na fala, um papel de planejamento, o que permite ao falante utilizá-la para reorganizar suas tomadas de posições e torná-las mais legíveis aos seus interlocutores. Koch e Elias (2017) ressaltam que a repetição é avaliada, tradicionalmente, de forma negativa. No entanto, essa categoria “é uma estratégia básica de estruturação textual: os textos que produzimos apresentam uma grande quantidade de construções paralelas, repetições literais e enfáticas, pares de sinônimos ou quase sinônimos, repetições da fala do outro e assim por diante” (KOCH; ELIAS, 2017, p. 100).

Além disso, a repetição caracteriza-se como um dispositivo que visa estabelecer a coesão textual, favorecendo a coerência e auxiliando as atividades interativas da fala, razão por que a torna, nas palavras de Marcuschi (2006, p. 219), “essencial nos processos de textualização

na língua”. O mesmo autor aponta, ainda, que a repetição presente no texto oral, diferentemente da escrita, que permite editoração e revisão, acontece simultaneamente, uma vez que o texto se concretiza ao mesmo tempo em que ele é elaborado. Assim, a repetição coopera para que seja dada continuidade ao tópico discursivo, fazendo-se as devidas correções de maneira que o sentido do texto seja negociado e mantido entre os interlocutores. Por essa razão, a repetição, no texto falado, ocorre frequentemente e, em muitos momentos, chega a conduzir um segmento inteiro, ocasionado por fatores de estrutura interativa, cognitiva, textual ou sintática.

Para uma definição mais consistente sobre a repetição, precisamos entender que, na fala, ela desempenha um papel significativo de natureza distinta do simples ato de repetir algo de maneira aleatória, pois ela apresenta argumentatividade. Assim, a repetição contribui na medida em que o interlocutor irá comunicar algo novo, podendo acrescentar ao texto falado uma ênfase, uma correção, entre outros aspectos. Conforme Antunes (2005, p. 70), “a repetição, como o próprio nome indica, corresponde à ação de voltar ao que foi dito antes pelo recurso de fazer reaparecer uma unidade que já ocorreu previamente. Essa unidade pode ser uma palavra, uma sequência de palavras ou até uma frase inteira”. Logo, as expressões como “repetindo”, “como já disse”, “quer dizer”, sugerem que haverá uma repetição, mas não quer dizer que será dito a mesma coisa, dado que há uma distinção entre repetir um componente linguístico e exprimir o mesmo conteúdo de maneira ressignificada. Vejamos o exemplo:

Renata: mais o quê que é pôr na caixinha’?

Ciro: é cada um pra sua tarefa... quando cê tá falando pro povo... cê fala com a palavra simples... eu..

Renata: mas o presidente da república tem esse poder.... pra pôr na caixinha?

Ciro: têm esse poder... têm esse poder... (Fonte: Fragmento do *corpus* desta pesquisa.)

Aqui houve repetição de algumas expressões (pôr na caixinha, tem esse poder), porém encaminhou-se uma nova informação, razão por que fez o texto progredir. Foi utilizada a retomada para dar continuidade tópica. Assim, a repetição contribui para a funcionalidade comunicativa, por ser uma atividade de formulação na oralidade, “podendo assumir um variado conjunto de funções. Dentre elas, podemos destacar a sua contribuição para a organização do discurso e a manutenção da coerência textual, bem como a organização tópica e a geração de sequências mais compreensíveis” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 61).

Segundo Marcuschi (2006), nos segmentos discursivos, dispomos de uma matriz (M), que é de onde se originará a repetição (R), na qual (M) pode ocasionar a presença de (R) em níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e pragmáticos. As repetições

decorrem ainda por meio de segmentos que podem ser classificados em auto-repetição, provocadas pelo próprio locutor dentro do seu turno de fala; e heterorrepetições, que ocorrem quando o interlocutor repete algo da fala do locutor. Os seguimentos repetidos, podem ainda, aparecer com variações e acréscimos de elementos linguísticos, de modo que, quanto maior for o segmento discursivo repetido, mais variações sofrerá.

Marcuschi (2006) mostra que as repetições de itens lexicais adjacentes são as mais possíveis de aparecerem no texto, enquanto as repetições distantes, isto é, as que ocorrem em tópicos discursivos diferentes, são menos frequentes e de difícil caracterização, pois em alguns casos, fica difícil afirmar se é uma repetição de fato ou uma retomada do próprio tópico, com o objetivo de fazer o texto progredir. Em vista disso, verificamos que há uma certa preferência por parte de determinados falantes, em utilizar as repetições dentro do mesmo turno ou até mesmo dentro do mesmo segmento frasal. Durante nossas análises será possível verificar de que maneira o fenômeno da repetição foi utilizado pelos interlocutores com o objetivo de negociar sentidos diversos durante a troca linguageira inscrita no gênero entrevista.

Aspectos funcionais da repetição

A partir das contribuições de Marcuschi (2006), no que concerne aos aspectos funcionais da repetição, dispomos da coesividade, que atua no âmbito da textualização sob funções básicas organizacionais, ao passo que, no plano discursivo, a repetição desfruta de funções mais relevantes. Essas funções discursivas da repetição contribuem de modo que proporcione a compreensão, continuidade tópica argumentatividade e a interatividade. Sobre isso, Koch (2017, p.110) advoga que a repetição “contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas”.

Acerca da repetição enquanto função argumentativa, temos em mente que essa condição exerce o importante papel de gerar a argumentação dentro do tópico discursivo, conforme apresenta Marcuschi (2006). Dessa maneira, a repetição serve como estratégia para reafirmar, contrastar ou contestar argumentos adversários. O próprio campo da argumentação, conforme Rocha (2020), fundamenta-se em levar o outro a aceitar propostas apresentadas ao assentimento. Para isso, a repetição dispõe de elementos plausíveis, a exemplo da recategorização. Para a reafirmação, ela atua com o objetivo de confirmar argumentos; já para o contraste de argumentos, ela atua como meio de modulação, de modo que a entonação da

repetição de algum item lexical demonstre a negação ou indagação de algo, sem que haja a presença de termos negativos explicitamente; para a contestação, ocorre da repetição construções oracionais demonstrando discordância de uma proposta (MARCUSCHI, 2006).

No tocante à interatividade, é possível concebê-la, na esteira de Marcuschi (2008), como uma categoria própria da repetição, pois está presente em todas as funções que a repetição exerce, já que atua como função naturalmente interativa. Assim, a interatividade desempenha um papel importante na formulação do texto falado, pois encarrega-se especialmente de promover a interação, para que a condução da conversa possa ocorrer de maneira cooperativa, em que os participantes opinem, concordem, discordem, interajam durante o processo linguageiro. Nesse sentido, pontuamos que as principais características funcionais da interatividade são: expressar opinião pessoal, monitorar a tomada de turno, ratificar o papel do ouvinte, incorporar ou endossar asserções dos parceiros, mostrar polidez, entre outras funções. Com base nisso, compreendemos que os mais variados papéis assumidos pela repetição no processo conversacional surgem com a finalidade de propiciar o engajamento dos parceiros comunicativos desse ato de linguagem (MARCUSCHI, 2006).

Assim sendo, podemos perceber que a repetição atua em diversos momentos dos diálogos conversacionais e desempenha variadas funções, as quais se constituem de modo imprescindível para o funcionamento do texto oral. Entendemos, desse modo, que ela não se apresenta de modo simplesmente aleatório, mas com função específica. “Mas, a repetição não é apenas uma regularidade textual. É um recurso de grande funcionalidade, pois pode desempenhar diferentes funções, todas elas, de alguma forma, coesivas” (ANTUNES, 2005, p. 71). Realizadas essas ponderações sobre a importância do fenômeno da repetição no texto oral, passaremos a discorrer sobre o gênero textual entrevista, o qual foi selecionado para nosso trabalho à luz dos estudos conversacionais.

Gênero entrevista: definição e características

Em sentido amplo, um gênero de texto deve ser concebido como um evento comunicativo em que sujeitos produzem atos de linguagem. Assim, existe um sujeito enunciador que se dirige a um sujeito destinatário por meio de um gênero oral ou escrito. Dentre os muitos gêneros textuais existentes, destacamos, neste trabalho, o gênero entrevista, de natureza jornalística. Segundo Hoffnagel (2005, p. 182), “a entrevista é um gênero primordialmente oral. Nas várias listas de gêneros de entrevista, a maioria refere a interações

orais [...] e mesmo com respeito à entrevista jornalística, pensamos primeiro nas entrevistas ao vivo dos programas de televisão e rádio”.

Nesse sentido, observamos que até mesmo as entrevistas publicadas em formato escrito, foram realizadas primeiramente de forma oral e somente depois disso foram transcritas em formato de diálogos, em que gêneros diversos se fundem e formam a entrevista. Para Schneuwly e Dolz (2004, p. 73), “a entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição, que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado)”. Desse modo, no gênero entrevista, temos um sujeito que apresenta conhecimento sobre determinado assunto e é convidado para falar sobre ele. Não se trata de uma conversa comum, mas algo organizado formalmente em que o principal objetivo é adquirir informações sobre o assunto em discussão.

O gênero entrevista é considerado por Schneuwly e Dolz (2004) como uma prática de linguagem que possui uma organização própria e uma ordenação específica para cada público-alvo. Normalmente, exige-se uma preparação prévia para que cada etapa seja cumprida. Diferentemente de conversas cotidianas, é possível dizer que, na entrevista, temos uma linguagem altamente padronizada. As perguntas e o tema são preparados com antecedência, além de presumir o público idealizado. Para que a entrevista aconteça, são necessários pelo menos dois participantes, entrevistador e entrevistado, em que cada um desempenhará papéis comunicativos. “Geralmente, os dois interlocutores ocupam papéis públicos institucionalizados; a natureza da relação social e interpessoal condiciona fortemente a relação que se instaura entre os dois” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73).

No tocante aos papéis de cada sujeito, cabe ao entrevistador conduzir a entrevista, incentivando o entrevistado a participar por meio do par dialógico pergunta-resposta. “O entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73). No que concerne ao entrevistado, após aceitar a situação de comunicação, ele é “obrigado a responder e fornecer as informações pedidas” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73). Em nosso *corpus*, os jornalistas são os responsáveis por conduzir a entrevista e o entrevistado ocupa a função de apenas responder aos questionamentos levantados durante as interações orais durante esse jogo de linguagem.

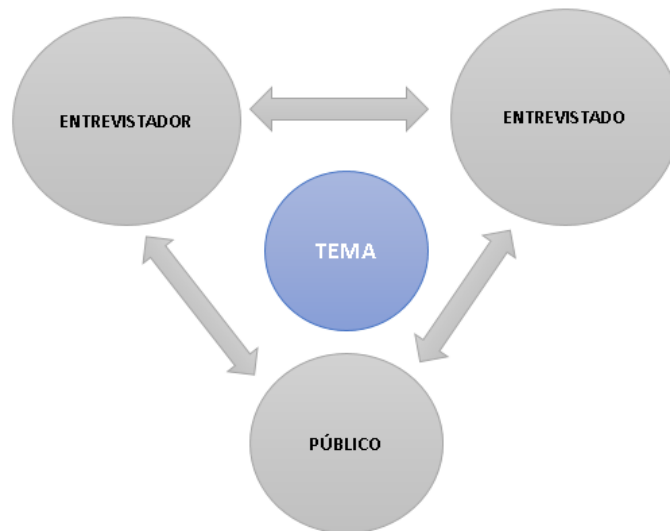
De acordo com Melo Junior (2016), o gênero entrevista oral do domínio discursivo jornalístico segue a linha tipológica expositiva de abordagem informativa, dado que, ao mesmo tempo em que ela informa os espectadores sobre determinado assunto, também expõe fatos,

opiniões, crenças e visões de mundo, podendo contribuir para a formação da opinião das pessoas que têm acesso à entrevista. Melo Junior (2016) ainda apresenta que a entrevista se constitui como um gênero pertencente ao universo jornalístico e por meio dela entrevistador e entrevistado interagem e negociam sentidos, mas o entrevistador deverá se utilizar de técnicas e estratégias eficazes, a fim de envolver o entrevistado e o público-alvo. Uma dessas técnicas é justamente o controle do turno conversacional para conduzir a conversa.

Conforme Baltar (2012) preconiza, existem vários tipos de entrevistas, a exemplo da temática, biográfica, enquete, ritual, dialogal, interpretativa, entre outras. Neste estudo, utilizamos a entrevista temática, a qual “pode ser conceitual quando o entrevistador busca um conteúdo informativo; com espírito aberto, ele expõe sua curiosidade a serviço de determinados conceitos que o entrevistado conhece/detém. O foco pode ser um tema específico, ou mais de um tema” (BALTAR, 2012, p. 100). Durante a entrevista que selecionamos para este trabalho, é possível observar que os entrevistadores questionam o entrevistado acerca de temas específicos do domínio discursivo político, o que atesta ser uma entrevista temática.

Mesmo sendo uma entrevista classificada como temática, assumimos que isso não impossibilita que também apareçam momentos interacionais em que outras tipologias de entrevista possam aparecer, como é o caso da entrevista pingue-pongue, a qual aparece no momento quando “são feitas perguntas (simples ou complexas), com troca direta de turnos entre os interlocutores” (BALTAR, 2012, p. 100). Isso ocorre porque os gêneros textuais, a exemplo da entrevista, não são estanques, prontos e acabados. Marcuschi (2008) é enfático quando postula a assertiva de que os gêneros textuais são dinâmicos, plásticos, maleáveis, mutáveis, heterogêneos, o que imprime um caráter de flexibilidade e instabilidade dos gêneros.

É importante destacarmos que a entrevista televisiva se difere da radiofônica, no sentido de apresentar a imagem além da voz, o que pode ser decisivo para interpelar o público-destinatário. Além disso, ambas as entrevistas (televisiva e radiofônica) podem tratar de notícias ou discutir temas que sejam de interesse do público-alvo. Assim, defendemos que existem mais aproximações do que distanciamentos entre as referidas tipologias de entrevista, pois o que muda é o suporte textual de veiculação. Para Baltar (2012), a entrevista está associada ao universo midiático e se configura como “um dos gêneros textuais genuínos do jornalismo [...]”. Pode-se afirmar também que entrevista midiática é uma técnica de interação social, que visa o entrosamento entre o entrevistador (repórter), o tema, o entrevistado (especialista) e o público ouvinte” (BALTAR, 2012, p. 95). O referido autor propõe o seguinte esquema:



Fonte: Esquema da entrevista. Adaptado de Baltar (2012, p. 95).

A partir desse esquema postulado por Baltar (2012), vemos que existem elementos essenciais que organizam o funcionamento do gênero textual entrevista. Entrevistador, entrevistado, tema e público constituem aspectos que efetivam esse gênero como uma prática linguageira entre sujeitos. Advogamos a necessidade de perscrutar essas categorias para que seja possível emprendermos uma análise consistente de nosso objeto de pesquisa. De nossa parte, definimos o gênero entrevista como uma prática sociodiscursiva em que dois sujeitos (enunciador e destinatário) dialogam entre si acerca de um determinado tópico discursivo, almejando agir sobre o outro (terceiro), principalmente, sobre o público que julga as conversações durante as trocas interacionais de turno entre os parceiros do jogo comunicativo.

Nesse sentido, além da obtenção de informações sobre o tema discutido, defendemos que, no gênero entrevista de vertente midiática, existe a intenção de convencer e persuadir o terceiro, isto é, o público que assiste ao diálogo conversacional entre entrevistador e entrevistado. Logo, temos um gênero de texto que pode, em determinadas circunstâncias enunciativas, fazer parte da tipologia argumentativa e não só expositiva como defendem alguns autores. Em síntese, a entrevista é um gênero multifacetado e permeado por outros gêneros (relato, exposição), tipologias (argumentativa, descritiva) e suportes textuais (rádio, televisão), os quais estabelecem o exercício comunicativo entre os sujeitos, sobretudo, quando se trata de influenciar o outro pela linguagem.

A repetição no gênero entrevista oral televisiva

Momento interativo 1

Este primeiro momento interativo faz parte da entrevista que o candidato Ciro Gomes concedeu aos entrevistadores William Bonner e Renata Vasconcelos, durante edição do Jornal Nacional das Organizações Globo, em agosto de 2018. Neste fragmento em específico, os interactantes trataram acerca das operações realizadas pela força-tarefa da operação lava jato, sobretudo acerca de algumas declarações incisivas proferidas por Ciro Gomes contra a referida operação investigativa. Eis o momento interacional a seguir:

Renata: Olá boa noite novamente candidato...

Ciro: Boa noite...

Renata: O tema de agora é o combate a corrupção lava jato...eh...o senhor disse em entrevistas recentes que dá apoio total a operação lava jato... que vem combatendo a corrupção no Brasil nos últimos 4 anos... mas disse também... que a lava jato é de-sequi-librada...e que cometeu abusos...e que receberia a turma do juiz Sérgio Moro à BALA...caso ele mandasse prender... se o senhor se considerasse inocente... à bala....

Ciro: Hum... (dá um leve riso)

Renata: Como convencer o eleitor... de que o senhor realmente apoia a lava jato com uma declaração dessas...?

Ciro: Me permita antes de responder... cumprimentar ah ah as organizações globo por essa oportunidade...dá boa noite a você Renata... boa noite ao Bonner... boa noite a todos brasileiros... especialmente aqueles que... não me conhecendo... eu peço uma oportunidade hoje para me apresentar... as coisas são: muitas vezes ditas num ambiente...num contexto e essas coisas são muitas vezes tiradas do contexto...eu apoio a lava jato porque ela é um...a vira... ela é uma virada de página... na crônica de impunidade que sempre foi o prêmio pra corrupção dos grandões no Brasil...como eu tenho a ficha limpa...tenho 38 anos de vida pública NUNca fui envolvido em qualquer tipo de escândalo...eu tenho um...um ... portanto levo vantagem na disputa se eu...o filtro da população for votar em gente séria...entretanto a lava jato só prestará bom serviço ao Brasil...se ela for vista pela maioria...ou pela... conjunto da sociedade... como uma coisa equilibrada... e o lado do PSDB não tem nen-hum na cadeia...claro que ela é muito importante... tá gente do PMDB...tá gente do PT na cadeia... mas não há um ÚNICO quadro apesar de MIL demonstrações de corrupção do PSDB e nenhum deles foi preso por exemplo..... (Fragmento 1 – *corpus* desta pesquisa).

De início, vemos que realmente se trata do gênero entrevista oral, pois apresenta os elementos interacionais, os quais já mencionamos na primeira parte deste trabalho. Observamos o início do turno conversacional ser efetivado por meio do par adjacente cumprimento/cumprimento, em que a entrevistadora, de modo cortês, diz “boa noite” e o entrevistado repete a mesma expressão de cortesia “boa noite”, atestando, assim, o caráter dialógico dessa entrevista oral televisiva. Além disso, observamos o respeito ao turno conversacional, ratificando a ideia postulada de que se fala um por vez, a fim de que o evento comunicativo da entrevista possa ser realizado de maneira negociada e interativa entre os atores sociais representados nas figuras dos entrevistadores e do entrevistado.

Na primeira pergunta formulada pela entrevistadora Renata, é possível observamos que o tópico discursivo tratado versa sobre o tema força-tarefa da operação lava jato com sede em Curitiba, no Paraná, na qual foram descobertos muitos crimes de corrupção, a exemplo de lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, propinas, entre outros, praticados por políticos, empresários e outros envolvidos nesses esquemas criminosos. No questionamento da entrevistadora, visualizamos algumas repetições que promulgam efeitos argumentativos nesse texto conversacional. A expressão lexical “operação lava jato” é categorizada e recategorizada por outras expressões ao longo do texto, a exemplo de “combatendo a corrupção no Brasil”, “lava jato é de-se-quili-brada”, “cometeu abusos”, “turma do juiz Sérgio Moro”. Ou seja, de modo indireto, temos a repetição desses elementos, com o objetivo de interpelar o entrevistado Ciro Gomes para que ele explique o motivo, provavelmente, de ser contra a referida operação anticorrupção, que suscitou muitas opiniões polêmicas na sociedade brasileira.

Após essa primeira arguição, o entrevistado apenas ri e a entrevistadora lança mais uma questão, ao perguntar de que modo seria o apoio de Ciro Gomes a essa operação, já que se falou, inclusive, em receber a turma da lava jato à “BALA”. A pergunta apresenta marcas propriamente da conversação como pausas, entonação enfática, silabação, entre outros mecanismos conversacionais, sobretudo, a própria repetição enquanto categoria argumentativa. O entrevistado Ciro Gomes inicia sua resposta a partir da cortesia, do cumprimento às Organizações Globo, aos entrevistadores e a todos os brasileiros. Por meio da repetição, ele afirma: “boa noite a você Renata”, “boa noite ao Bonner”, “boa noite a todos os brasileiros”. Verificamos que o entrevistado se utiliza das mesmas estruturas sintáticas e semânticas para interagir durante o início de sua resposta, criando uma imagem de alguém educado.

Em seguida, Ciro Gomes responde à pergunta feita pela entrevistadora Renata. O entrevistado responde se é contra ou a favor a operação lava jato. A partir do uso expressivo da subjetividade (eu), o político afirma que suas falas, em certas ocasiões, são retiradas do contexto e isso provoca equívocos em relação às opiniões emitidas. Adiante, ele é enfático: “eu apoio a lava jato porque ela é um::a vira... ela é uma virada de página... na crônica de impunidade que sempre foi o prêmio pra corrupção dos grandões no Brasil..”. Ao se posicionar a favor da lava jato, Ciro Gomes ressalta que ela conseguiu punir a corrupção “dos grandões do Brasil”, razão por que se infere que isso não ocorria antes dessa operação investigativa e certamente havia impunidade para os poderosos economicamente que cometiam crimes.

O entrevistado, por meio de marcas subjetivas e construções oracionais “eu tenho...”, “tenho...”, suscita uma imagem de homem virtuoso, sério, honesto, ao dizer: “como eu tenho a

ficha limpa...tenho 38 anos de vida pública NUNca me envolvi em qualquer tipo de escândalo...eu tenho um...um ... portanto levo vantagem na disputa se eu....”. Observamos o uso de elementos como “eu tenho a ficha limpa”, “NUNca me envolvi”, ou seja, expressões que denotam a integridade da construção da imagem de Ciro Gomes. As expressões deveras repetidas funcionam para enfatizar a possível idoneidade do entrevistado quanto às questões voltadas à corrupção, uma vez que ele mesmo possui “38 anos de vida pública”, sem nenhum crime, o que ratifica ainda mais a ideia de um político raro, pois nunca cometeu nenhum crime, mesmo participando ativamente da esfera política como prefeito, deputado federal, ministro.

No final de sua resposta, o entrevistado indica que a opinião pública é decisiva para aprovar ou não a operação lava jato. Segundo ele, essa operação precisa ser aprovada “pela maioria...ou pelo conjunto da sociedade”. Assim, de acordo com o entrevistado, fica a cargo da opinião pública avaliar se a lava jato é ou não “uma coisa equilibrada”, séria. Certamente, a desconfiança de Ciro Gomes paira sobre o fato de que no “lado do PSDB não tem nen-hum na cadeia...” e isso é contraditório, tendo em vista as “mi::l demonstrações de corrupção do PSDB”. Vemos a exaustiva repetição da sigla PSDB, com o objetivo de enfatizar que nenhum político filiado a esse partido foi preso durante as investigações, mesmo havendo demonstrações, evidências de corrupção, nenhum político desse partido foi encerrado na prisão durante a operação lava jato e isso imprime uma ideia de partidarismo.

Nesse sentido, contrariamente, segundo Ciro Gomes, existem pessoas ligadas ao PMDB e ao PT que estão na cadeia em virtude da referida operação. Logo, o entrevistado tece uma crítica arrojada ao modo como a operação lava jato vem lidando com algumas condenações e deixando de realizar outras, transmitindo uma ideia de parcialidade, partidarismos de procuradores da força-tarefa da operação lava jato. Ciro Gomes ora defende a operação policial, ora condena, pela razão de não haver ninguém do PSDB preso. Os elementos conversacionais, sobremaneira a repetição, apresentam o modo como o entrevistado age discursivamente, forjando diferentes efeitos de sentido que, de algum modo, influenciam as crenças e as tomadas de decisão das pessoas que têm acesso ao conteúdo dessa entrevista. A categoria da repetição é um mecanismo decisivo para interpelar o público-alvo.

Momento interativo 2

Neste segundo momento interativo, verificamos que a entrevistadora Renata indaga o entrevistado Ciro Gomes sobre sua relação com o Partido dos Trabalhadores (PT) e com o ex-

presidente Lula. A jornalista questiona, de modo enfático, o fato de Ciro Gomes anteriormente elogiar Lula e o PT e depois passar a fazer várias críticas, mostrando uma possível contradição do entrevistado. É o que podemos ver no seguinte momento:

Renata: Mas até pouco tempo... o senhor elogiava o PT e o ex-presidente Lula...e só passou a fazer críticas ácidas ao ex-presidente e ao partido dele depois que a sua tentativa de aliança falhou... é: COMO é que esse seu comportamento combinaria justamente com seu discurso anticorrupção?...

Ciro: Eu não tenho que explicar contradição da nossa brava imprensa...eh... eu nun:ca imaginei...e nem ninguém colherá nenhuma declaração minha de que o PT deixasse de ter candidato próprio pra me apoiar... portanto essa história de que eu esperava apoio do PT...jamais teve fun/.. teve fundamento na minha vida...

Renata: Não pretendia unir as esquerdas?

Ciro: Não...gostaria muito de fazer ...mas acredito que será no segundo turno... deixa só eu explicar entretanto... pra MIM... o Lula não é um satanás como certos setores da imprensa... da opinião brasileira pensam... e também não é um deus... um anjo... como certos setores metidos a religiosos do PT pensa... eu conheço o Lula há 30 anos ele foi um presidente que eu tive a honra de servir como... como ministro... e foi um presidente que fez muita coisa bo::a pra muita gente do Brasil.. e em respeito a essas pessoas eu tenho... sempre que perguntado como estou fazendo hoje... desejando falar das minhas propostas... eu faço essa menção a ele... o Lula foi um bom presidente pro Brasil e o povo brasileiro sabe disso... todo mundo tá nos testemunhando por mais raiva que tenha dele...sabe que 5..6...7 anos atrás o Brasil tava com o poder de compra maior... o Brasil tava com condições de credito muito maior...o Brasil tava com a taxa de desemprego muito menor... e a população mais pobre que é por quem eu trabalho mais devotadamente... né?... senti na PELE... as consequências de um bom governo... da Dilma pra cá ...tudo isso foi perdido... mas isso não quer dizer... né?...que a gente deva... rasgar a história nem comemorar o fato de ter o maior líder popular do país PREso...na minha opinião pelo menos... (Fragmento 2 – *corpus* desta pesquisa).

Neste momento conversacional, a entrevistadora inicia o turno conversacional fazendo uma pergunta a Ciro Gomes acerca de seu posicionamento com relação ao ex-presidente Lula e ao PT, apontando uma possível contradição do entrevistado. Segundo a jornalista, Ciro Gomes elogiava Lula e depois passou a tecer duras críticas ao ex-presidente por causa de uma possível falta de apoio político para a candidatura desse cearense à presidência do Brasil. Vemos que a entrevistadora se utiliza de repetições dos referentes Lula e PT, a fim de destacar uma provável contenda entre os citados políticos que já foram aliados, do mesmo governo. No primeiro mandato do ex-presidente Lula entre os anos de 2003-2006, Ciro Gomes ocupou o cargo de ministro da integração nacional. Talvez seja por isso que ambos os políticos tenham certa aproximação e discordâncias, ao mesmo tempo, e venham gerando muitas polêmicas no cenário político desde as eleições presidenciais de 2018 no Brasil.

Como resposta à pergunta feita anteriormente, o entrevistado nega que em algum momento buscou apoio do PT e transfere essa notícia à imprensa: “Eu não tenho que explicar contradição da nossa brava imprensa”. Ciro Gomes é enfático ao dizer que nunca almejou que

o PT não entrasse com candidato e lhe apoiasse: “nenhuma declaração minha” e “jamais teve fund/... teve fundamento em minha vida”. A entrevistadora, ao perceber que o entrevistado negou completamente a premissa lançada, recorre ao assalto ao turno, sobrepõe a voz e acrescenta mais uma pergunta, estabelecendo o par adjacente pergunta-resposta, característico do gênero entrevista, ao questionar: “Não pretendia unir as esquerdas?” Essa outra pergunta serve justamente para que o entrevistado esclareça o assunto, uma vez que, na pergunta anterior, ocorreu uma negação e uma transferência de responsabilidade sobre o que foi dito.

Em resposta à pergunta feita, o entrevistado procura contextualizar a sua fala e o seu posicionamento. Ele confirma que gostaria muito de unir as esquerdas brasileiras, mas que deixaria isso para um provável segundo turno nas eleições (como sabemos, ele não chegou ao segundo turno). Em seguida, Ciro Gomes continua com o turno expondo a sua opinião pessoal sobre Lula, que foi presidente do Brasil, mas no momento da entrevista encontrava-se preso no departamento da Polícia Federal de Curitiba, no Paraná, acusado de corrupção e lavagem de dinheiro e, conseqüentemente, sendo considerado ora preso político, ora político preso.

Notamos que o entrevistado busca defender o ex-presidente Lula por meio de expressões que detonam uma boa imagem de Lula, mesmo com algumas críticas ferrenhas. Ciro Gomes lança: “Lula não é um satanás como certos setores da imprensa... da opinião brasileira pensam...”. Verificamos aqui que o entrevistado, primeiramente, cria uma imagem positiva de Lula ao desmistificar, por meio de um discurso de linha religiosa – satanás significa adversário no discurso judaico-cristão – que o ex-metalúrgico seja alguém do mal, que só pensa em destruir, mas também “não é um deus... um anjo... como certos setores metidos a religiosos do PT pensa...”. Logo, por meio de expressões repetidas (não é um) na visão de Ciro Gomes, Lula nem é satanás, nem é anjo, mas alguém que foi um bom presidente para o Brasil.

Mais à frente, o entrevistado afirma realmente qual é o seu pensamento sobre o ex-presidente: “eu conheço o Lula há 30 anos ele foi um presidente que eu tive a honra de servir como...como ministro... e foi um presidente que trouxe muita coisa bo::a pra muita gente do Brasil...”. Neste trecho, percebemos que Ciro Gomes utiliza o referente Lula e depois o recategoriza de presidente. Apresenta, ainda, sua honra em ter servido como ministro durante o governo do PT e enaltece as conquistas realizadas por Lula para o povo brasileiro, engendrando uma imagem positiva do ex-presidente do Brasil.

Logo em seguida, o entrevistado começa a sequenciar os benefícios vividos pelo país no período do governo do ex-presidente Lula: “eu faço menção a ele... o Lula foi um bom presidente pro Brasil e o povo brasileiro sabe disso”. Nesse momento, Ciro Gomes evidencia a

importância do governo Lula e credita ao povo brasileiro a chancela dessa afirmativa. Por meio de repetições, o entrevistado continua enaltecendo o ex-presidente: “o Brasil tava com o poder de compra maior”, “o Brasil tava com condições de crédito muito maior”, “o Brasil tava com a taxa de desemprego muito menor”. Os usos dessas sequências enfatizam os benefícios do governo Lula para a população brasileira e a repetição contribui nesse processo com força argumentativa, visando persuadir os telespectadores sobre as benesses realizadas por Lula.

O entrevistado finaliza sua resposta dizendo que o governo da ex-presidente Dilma foi o responsável por fazer o país regredir: “da Dilma pra cá ...tudo isso foi perdido... mas isso não quer dizer...né? ...que a gente deva... rasgar a história nem comemorar o fato de ter o maior líder popular do país PREso...na minha opinião pelo menos...”. Inicialmente, verificamos que Ciro, em sua fala, se utiliza do marcador conversacional de organização e preenchimento de espaços dentro do turno “né”, que serve para reorganizar as ideias dentro da conversa; depois, indica que, no governo de Dilma Rousseff, todo o avanço alcançado por Lula acabou se perdendo, mas que não se pode esquecer as conquistas realizadas por Lula e nem comemorar por ter “o maior líder popular do país PREso”. Mais uma vez, temos uso da repetição do mesmo referente (Lula), mas de maneira recategorizada (maior líder popular). As repetições utilizadas durante a fala do entrevistado atestam o caráter argumentativo do fenômeno da repetição no texto oral.

Momento interativo 3

Neste terceiro momento interativo, percebemos que o entrevistado Ciro Gomes e o entrevistador William Bonner dialogam sobre a temática do endividamento dos brasileiros. O entrevistado tem como promessa de campanha retirar os nomes de brasileiros dos bancos de dados de devedores. Há uma tensão acerca do uso verbal (retirar ou ajudar), razão por que causou uma controvérsia durante a entrevista. É possível notarmos isso no excerto a seguir:

Ciro: Bonner eu fui o governador mais popular do Brasil...o prefeito de capital mais popular do Brasil...ministro da fazenda...entrava dentro dos restaurantes no Rio de Janeiro debaixo de palma...não é porque fiz milagre não...é porque eu honro a minha palavra... e as coisas são simples...a palavra que eu digo não é essa...eu vou repetir aqui...eu vou ajudar tirar seu nome do SPC... por quê?... porque eu estudei o assunto...faz um ano...com especialistas...a dívida média é de 4 mil pessoas/ 4 mil reais... com desconto que no leilão do Serasa já tá acontecendo...essa dívida cai pra 1.200 reais...se eu faço um refinanciamento tirando juro de 500% que eles hoje são humilhados... para 10... 12% o banco ganha dinheiro e eu refinancio isso em 36 vezes...a prestação cai de 40 reais por mês...eu vou tirar o nome do povo brasileiro do SPC...MEsmo...

Bonner: O senhor disse agora a pouco que vai ajuDAR a tirar...

Ciro: É:: mais.. eu vo::u.. é... é claro que eu não vou se a pessoa não quiser... eu não posso fazer...mas aqueles que quiserem...podem contar eu vou ajudar a tirar o nome do SPC de todo mundo...

Bonner: Okay....

Ciro: Sabe por quê?... não é porque eu sou bonzinho não...é porque tenho um projeto nacional de desenvolvimento...que pro/propõe respostas práticas de como reativar a economia e gerar emprego...o primeiro grande motor na tradição brasileira...não é o melhor...mas o primeiro grande motor na ativação da economia... (Fragmento 3 – *corpus* desta pesquisa).

Neste último momento interativo, o entrevistado inicia a fala criando uma imagem positiva de si, quando afirma: “Bonner eu fui o governador mais popular do Brasil... o prefeito de capital mais popular do Brasil”, “ministro da fazenda...entrava dentro dos restaurantes no Rio de Janeiro debaixo de palma...”. Assim, por meio dessas repetições de ordem sintática e semântica, vemos que ele se autoqualifica como um político sério, virtuoso, de prestígio e de competência, transmitindo uma imagem positiva de si, buscando convencer e persuadir o público que assistia à entrevista ao vivo durante o maior jornal do país. Essas possíveis qualidades do entrevistado, segundo ele próprio, lhe são atribuídas porque “eu honro a minha palavra”. A todo momento, *Ciro* faz uso expressivo da subjetividade (eu) para argumentar.

Mais adiante, *Ciro Gomes* continua esclarecendo que suas palavras possuem fundamento porque buscou compreender o processo de retirada do nome de cidadãos inadimplentes do SPC e afirma conhecer sobre o assunto: “a palavra que eu digo não é essa...eu vou repetir aqui...eu vou ajudar tirar seu nome do SPC... por quê?... porque eu estudei o assunto...faz um ano...com especialistas...”. Por meio da repetição (eu vou), o entrevistado enfatiza sua ideia e seu plano governamental para retirar os nomes dos brasileiros do SPC. No entanto, isso só seria feito caso ele vencesse o pleito eleitoral, o que não aconteceu em 2018.

Ciro Gomes ainda recorre a um argumento de autoridade para fundamentar a sua tese, ao dizer: “porque eu estudei o assunto...faz um ano...com especialistas...”. Vemos que, além de o entrevistado conhecer sobre o assunto (*Ciro Gomes* é formado em Direito), ele ainda recorreu ao estudo com especialistas, razão por que engendra um efeito persuasivo de credibilidade, evidenciando que o processo de retirada dos nomes do SPC não será feito de qualquer maneira, mas com conhecimento de causa, com pessoas capacitadas.

Em seguida, o entrevistado começa a explicar de que maneira faria o processo e assegura que vai retirar o nome das pessoas do SPC e do Serasa. Dessa vez, por meio do argumento de quantidade, *Ciro Gomes* lança: “a dívida média é de 4 mil pessoas/ 4 mil reais... com desconto que no leilão do Serasa já tá acontecendo... essa dívida cai pra 1.200 reais... se eu faço um refinanciamento tirando juro de 500% que eles hoje são humilhados... para 10... 12% o banco ganha dinheiro e eu refinancio isso em 36 vezes...a prestação cai de 40 reais por mês...”. O uso

de dados numéricos possui força persuasiva, pois apresenta as possibilidades de as dívidas dos brasileiros serem sanadas junto aos órgãos de proteção de crédito. O entrevistado mostra uma proposta instigante, que certamente desperta uma euforia nas pessoas que não têm uma leitura mais crítica da realidade. Como arremate final dessa fala, novamente temos a repetição: “eu vou tirar o nome do povo brasileiro do SPC...MEsmo...”.

O entrevistador Bonner, no entanto, contraria a fala do entrevistado, repetindo o que ele havia dito no início sobre a possibilidade de ajudar a tirar e não a tirar por si próprio o nome dos brasileiros do cadastro de devedores. Por meio da correção, Ciro Gomes afirma: “É:: mais... eu vo::u... é... é claro que eu não vou se a pessoa não quiser... eu não posso fazer...mas aqueles que quiserem... podem contar eu vou ajudar a tirar o nome do SPC de todo mundo...”. Constatamos aqui que o entrevistado retifica sua assertiva e fala apenas em “ajudar” a retirar os nomes. Vemos as repetições subjetivas (eu vou), enfatizando a imagem de político competente que irá ajudar as pessoas e que governará de forma exitosa.

O entrevistador Bonner concorda com a nova resposta do entrevistado ao dizer “Okay” e, em seguida, o próprio entrevistado faz uma pergunta e ele mesmo a responde: “Sabe por quê?... não é porque eu sou bonzinho não... é porque tenho um projeto nacional de desenvolvimento... que pro/propõe respostas práticas de como reativar a economia e gerar emprego... o primeiro grande motor na tradição brasileira... não é o melhor... mas o primeiro grande motor na ativação da economia...”. Ciro afirma que conseguirá tais feitos por meio de seu projeto nacional de desenvolvimento, que será capaz de melhorar a economia e gerar emprego. Ele diz: “o primeiro grande motor na tradição brasileira... não é o melhor... mas o primeiro grande motor na ativação da economia”. Observamos a repetição enfática em “o primeiro grande motor”, transmitindo uma ideia de originalidade, ineditismo. Essas asserções certamente causam efeitos persuasivos nos interlocutores que acompanharam a entrevista. Mais uma vez, a categoria da repetição é peça-chave para o projeto de fala do entrevistado.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos estabelecer uma fundamentação teórica sobre os estudos conversacionais por entendermos que esses estudos se mostram de grande utilidade para análises consistentes de diferentes gêneros textuais da oralidade. Tomando a Análise da Conversação como uma disciplina que possui um eficaz instrumental teórico e metodológico,

procedemos a um estudo fundamentado nos princípios conversacionais, considerando a oralidade e a escrita como duas modalidades complementares e não dicotômicas, opostas.

A Análise da Conversação é responsável por investigar as conversações cotidianas, desde as mais simples do dia a dia às mais formais, como é o caso da entrevista oral televisiva de vertente jornalística. De maneira fundamentada, pudemos compreender como se organizam e se caracterizam as mais variadas categorias presentes na citada teoria, atribuindo ênfase maior na repetição. Além disso, trouxemos pontos e características relevantes acerca do gênero entrevista oral televisiva, por se tratar de um gênero pertencente à oralidade. Apresentamos uma possível contribuição para a realização de outros estudos acerca do gênero destacado.

Ademais, a entrevista em tela se enquadra no esquema pergunta-resposta, que corresponde a um *par adjacente* e constitui-se, portanto, como elemento básico e interativo durante uma conversa. Outrossim, ao passo que a entrevista informa, ela também contribui para a formação de opinião, o que demonstra sua relevância e finalidade sociocomunicativa. Como vimos durante este trabalho, a todo momento os entrevistadores e o entrevistado discutiam assuntos polêmicos e pertinentes ao cenário político brasileiro de 2018. Além de apresentarem informações, eles lançavam opiniões, a fim de que os telespectadores pudessem acreditar nas ideias que estavam sendo apresentadas ao público-destinatário.

Por isso, compreendemos que uma das finalidades do gênero entrevista oral televisiva de linha jornalística é interpelar o público-alvo, com o objetivo de que este possa concordar e agir de acordo com o querer-fazer dos interactantes. A intencionalidade é passível de ser discutida, pois temos, de um lado, as Organizações Globo, o jornal nacional, os jornalistas da emissora. Do outro lado, temos Ciro Gomes, um candidato presidencial, autointitulado de esquerda, pertencente ao PDT. Nesse sentido, as intencionalidades estão inscritas em uma pluralidade que, de alguma maneira, almejam transmitir informações e opiniões aos telespectadores para que estes acreditem no que está sendo divulgado durante a entrevista. Os jornalistas tentam subtrair todas as informações possíveis sobre o entrevistado acerca do caráter, do costume, de aliados, do plano de governo etc. E o entrevistado tenta criar uma boa imagem de si para angariar os votos dos eleitores que estavam assistindo a entrevista.

Durante as análises, evidenciamos a utilização da repetição como categoria imprescindível ao texto conversacional. Além disso, vimos que ela promove a argumentatividade e a interatividade. As repetições foram empregadas com o objetivo de reafirmar, contrastar argumentos e expressar opinião pessoal, ou seja, a subjetividade. Percebemos, explicitamente, que a repetição nos fragmentos analisados desempenhou alguns

papéis sobremaneira importantes: conferiu coesão e coerência ao texto conversacional, garantiu a interatividade natural da própria da oralidade, apresentou a intencionalidade dos interlocutores. Sendo assim, a repetição foi peça-chave para o projeto de fala tanto dos entrevistadores quanto do entrevistado.

O desenvolvimento do presente estudo objetivou investigar o papel desempenhado pelo fenômeno da repetição em uma entrevista oral televisiva com o político Ciro Gomes. Durante as análises, mostramos a importância da referida categoria para o ato de argumentar dos entrevistadores e do entrevistado. Com a repetição, esses interlocutores criaram imagens de si e de terceiros. As imagens suscitadas foram positivas e negativas. As primeiras foram engradadas quando Ciro Gomes falou sobre si mesmo; as segundas foram despertadas quando o entrevistado falou sobre Lula, Bolsonaro e outros adversários políticos, a exemplo de Sérgio Moro e da operação lava jato. A repetição é mesmo uma categoria que não é possível abdicar no texto oral. A sua funcionalidade extrapola o nível meramente textual, indo, de forma exofórica, para outras circunstâncias, a exemplo do próprio contexto enunciativo.

Certamente, este trabalho logrou êxito na medida em que analisou um texto da oralidade e de cunho político, à luz da Análise da Conversação. Atualmente, vemos a crise política que o Brasil vive, sobretudo por um negacionismo científico, o qual reverbera querelas de nuances polêmicas e até mesmo ditatoriais. Ciro Gomes, Lula, Bolsonaro são, neste momento, os principais candidatos à Presidência da República Federativa do Brasil. Neste trabalho, em virtude da dimensão e do recorte deste estudo, analisamos apenas trechos de uma entrevista com Ciro Gomes. É preciso ir além e realizar outras investigações com os demais candidatos, a fim de analisar de que modo a categoria da repetição, aliada a outras categorias, está presente nas falas desses e outros políticos, engendrando possíveis sentidos e não outros.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 12. ed. Campinas/SP: Papirus Editora, 2005.
- BALTAR, Marcos. **Rádio Escolar: uma experiência de letramento midiático**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FIORIN, Rosalia Perrucci. Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade. **Eutomia**. v. 1, n. 2, dez. 2008.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 180-193, 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, Ingedore. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore. **Introdução à linguística textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Repetição**. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore. (Org.). Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 219-254.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO JUNIOR, José Nildo Barbosa de. **Aspectos textuais e conversacionais na entrevista oral no radiojornalismo alagoano**. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

ROCHA, Max Silva da. **As práticas argumentativas de oradores religiosos cristãos do agreste alagoano**. 2020. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, Caroline Rodrigues; ANDRADE, Daniela Negraes P.; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da Conversa: uma breve introdução. **ReVEL**, v. 7, n. 13, 2009.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, p. 61-78, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; NEGREIROS, Gil Roberto Costa. Qual é o status tipológico da conversação? **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, 2019.

THE PHENOMENON OF REPETITION IN AN ORAL TELEVISIVE INTERVIEW ON THE JOURNALIST SPHERE

Abstract: This study, inserted in the Conversation Analysis, deals with the phenomenon of repetition and how it acts in the conversational text, more specifically, in the weaving of the television oral interview genre. The objective of this work is to carry out an analysis of how repetition contributes to textuality in the aforementioned genre and how it presents itself during communicative exchanges between interviewer and interviewee. From the qualitative analyses, we realized that repetition was a decisive category for the continuity of the conversation through the interview genre. Through this category, the interlocutors talked and raised different meaning effects, which reverberated nuances that are established in the field of controversy. Probably, without the use of repetition, these communicative exchanges would not have the same effects, which is why we assume the importance of this textual and discursive device for the conversational text, in this case, for the television oral interview in the journalistic sphere.

Keywords: Interview. Orality. Repetition.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267